

A MINHA PERPLEXIDADE: mutismos e falta de referências

Pe. João Mendonça, sdb

Sempre que posso assisto os trabalhos dos nossos parlamentares, principalmente no Senado Federal. Num desses dias, (22\02), tive o prazer de acompanhar o aparte do Senador Pedro Simon sobre a ausência de referências no atual quadro brasileiro. Ele comentava o seguinte: na política não temos destaques significativos, aliás, o que vemos é o desgaste de muitos políticos; na sociedade organizada há uma nuvem cinzenta dificultando nossa visão de dias melhores; no meio artístico é triste o troca-troca de amores, amantes e amados e amadas e a pobre criatividade da arte cênica e musical; na Igreja católica não temos lideranças com projeção local, regional e nacional; nas outras Igrejas as lideranças estão dispersas. As referências que estão evidentes são aquelas que reforçam a injustiça: corruptos, ladrões, homicidas, fraudadores, sonegadores, etc. A pintura do quadro é muito feia, mas podemos mudar a moldura, isto nos anima a continuar acreditando.

A partir dessa análise a minha perplexidade aumenta, principalmente com o mutismo. Todos ficamos apenados com o martírio da irmã Dorothy Stang, mas não chegamos a ficar indignados. Não li, nem sei existe, um pronunciamento oficial da CRB do Pará ou da CNBB norte 2. Nada. Absolutamente nada! Não ouvi nenhuma palavra profética da nossa querida CNBB. Mutismo total. Parece que perdemos a capacidade de nos indignar diante da injustiça. Parece que não acreditamos mais na mudança e no sangue dos mártires. Todo o sinistro assassinato parece ter sido interpretado como fruto do acaso. Nenhuma palavra de denúncia. Será que somente a irmã Dorothy estava comprometida com a triste realidade de injustiças e crimes nos latifúndios do Pará! Será que outros religiosos, bispos e padres do Pará não sentem a dor desta perda! Sei que missas foram celebradas. Muito bem! Mas tudo acaba na missa! Não seria ela a força dinâmica que brota do sangue e do pão partilhado que nos inquieta e nos faz agir com profetismo! Jesus disse, fazei isto em memória de mim. Memória da sua paixão, de seus sofrimentos e de sua vida doada até a morte. Uma fé sem denúncia não faz memória da Ceia do Senhor.

O lençol das injustiças no campo foi retirado. *Foi preciso que uma freira, disse o Senador Mercadante no Senado, fosse assassinada para que a sociedade brasileira e mundial soubesse das injustiças no campo.* Pena que esta frase não repercutiu entre nós como deveria. Porém, que bom que a voz de alguns homens públicos está reproduzindo nossa indignação.

Numa circunstância como esta do martírio da irmã Dorothy teria sido providencial inflacionar a mídia com a denúncia, desmascarando os opressores do povo. Sequer nossas TV católicas e rádios tiveram a ousadia de se indignar. O silêncio foi geral. Os programas continuaram tranqüilamente reforçando o pio devocionalismo: terços, missas show, entrevistas, aulas de catecismo, etc. Nada contra, mas render-se a isto é manifestar a nossa ineficácia. Inclusive nossos padres celebridades se calam. Talvez porque eles mesmos não querem perder os holofotes. Por que aqueles que têm acesso à mídia não são capazes de usa-la para divulgar a verdade! Por que se calam!

Não entendo porque fazemos o mesmo jogo do marketing sem ética para vender a fé como produto. Jesus não é um garoto propaganda, mas o Deus que amou com coração humano, trabalhou com mãos humanas e se fez semelhante a nós (GS 22). Este Deus é o mestre da justiça e da verdade e para gerar este Reino ele derramou o sangue. Foi rejeitado, cuspidado, julgado e condenado à morte de cruz, abandonado inclusive pelos seus discípulos. Nele estava depositada a fé de irmã Dorothy e por isso ela deu a vida. Na minha opinião a nossa Igreja perdeu a chance de rejuvenescer sua presença transformadora no atual vazio de referências significativas para o Brasil

Não obstante este mutismo acredito que o martírio da irmã Dorothy não passará em vão porque Deus não se cala. Jesus disse que se a voz dos profetas fossem silenciadas as pedras irão gritar. Acredito que o sangue da mártir será fecundado na terra marcada pela fome, pela violência, pela perda da liberdade e pela banalidade da vida (João Paulo 2º.). Sangue que, como a Palavra de Deus, não cai na terra sem produzir frutos.

Eu acredito também em novos céus e novas terras. O nosso superior geral nos exorta a amar a Igreja seja a Instituição como a igreja nas comunidades domésticas, nas comunidades, nas casas religiosas, nas paróquias, nas igrejas locais, etc. Por isso, para ser justo, acredito que estamos numa era de gestação de novas sentinelas que tocarão as trombetas para acordar os que dormem e espantar os que se escondem na covardia e no mutismo doentio. Num momento como este a vida religiosa consagrada precisa assumir a postura de sentinela. Os velhos religiosos assumam o papel de sábios e os novos o protagonismo que a história exige. Fugamos dos privilégios, dos holofotes e da busca de poderes porque isto não leva ao Reino de Deus, mas as tentações do deserto: ganância, tirania e idolatria (Mt 4,1-11).

A Campanha da Fraternidade nos grita aos ouvidos o tema da PAZ. Quando passamos os olhos pelos jornais nossos olhos se enchem de sangue porque a violência bate em nossas portas: latrocínios, homicídios, estupros, ameaças e ataques de galeras estão na ordem do dia. Nossa missão como sentinelas é de denunciar tudo aquilo que destrói a vida humana. Que a nossa paixão pelo Deus da vida não permita que fiquemos mudos.